

III - PROBLEMAS DA AMÉRICA LATINA

(Continuação do número anterior)

O BRASIL E A DEFESA DO OCIDENTE

Coronel GOLBERY DO COUTO E SILVA (*)

2. O OCIDENTE E O BRASIL

Ora, o Ocidente — por acaso, terá alguém dúvidas do que seja realmente? Já não escreveu Spengler, muitos anos faz, a apocalíptica profecia de seu ocaso irremediável e próximo? E Toynbee, não vem de concluir magistral "Estudo de História", justamente para mostrar que há esperanças bastantes de uma redenção singular, de um renascimento promissor e fecundo para esse mesmo Ocidente, ameaçado ainda mais hoje pela tragédia de um cisma interior — de um lado, massas desamparadas e aturdidas e, do outro, elites já quase de todo esgotadas de seu poder criador — do que pelos inimigos externos que, de todos os quadrantes, o comprimem e cercam?

Tudo isso é bem justo, sem dúvida. Mas esses dois Ocidentes — o de Spengler e o de Toynbee — como diferem profundamente entre si, tanto no tempo como no espaço e, sobretudo, em suas origens longínquas, altamente condicionantes por certo, no próprio *ethos* que os inspira e e vitaliza e sustenta!

Surgido, um, da surpreendente desintegração do mundo greco-romano, na crisálida sem igual de uma religião superior que empolgaria todo o misticismo ingênuo de um proletariado interno, inteiramente "alienado" e "disponível" na miséria ávida de sua orfandade espiritual, e domesticaria a turbulência heróica da barbaria pululante em suas incansáveis correrias sem norte — o Ocidente, filho, rebento, criação singular da Igreja Católica; gerado, o outro, bem mais tarde, ao impulso demiúrgico da alma faustiana do nórdico, na planície virgem da Europa Ocidental que a floração juvenil do gótico, em breve, dominaria com o arrôjo de suas quase etéreas fábricas arquitetônicas e iluminaria do esplendor misterioso de seus vitrais multicolores — o Ocidente, produto, expressão, corporificação espontânea do espírito germânico. Este último Ocidente — impulsionado febrilmente por uma apaixonada sede de infi-

(*) O Coronel GOLBERY DO COUTO E SILVA possui os cursos da Escola de Estado-Maior do Exército, da Command and General Staff School (Fort Leavenworth) e da Escola Superior de Guerra. Foi integrante da Força Expedicionária Brasileira que lutou no T.O. da Itália durante a 2ª Grande Guerra, membro da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai e adjunto da Divisão Executiva do Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra. É conferencista de Geopolítica na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, membro do Instituto Brasileiro de Geopolítica e autor de diversos livros, conferências e artigos destacando-se "Planejamento Estratégico" e "Aspectos Geopolíticos do Brasil". Serve atualmente no Estado-Maior do Exército.

nito que o faria transbordar, orgulhoso e audaz, para além de todo o espaço e do tempo todo — o espaço sempre circunscrito das magnitudes, o tempo fugidio do sensório —; espírito dinâmico e vertical; insaciável, também, na sua nietzschiana vontade de poder; altamente sensível ao conteúdo recôndito das vastas perspectivas históricas e às uniformidades profundas de um universo sobretudo relacional cujo símbolo interpretativo seria a função; alma egocêntrica, solitária, dominadora, prosseguido, *allegro com brio*, na sua aventura excitante de ordenar até o mundo, sem limites quaisquer, da própria realidade ultravisível. Aquêlo outro — caracterizado, sem dúvida, por um ímpar domínio alcançado pelo homem sobre toda a natureza e, em conseqüência, por um ritmo acelerado e nunca visto das mutações sociais; escravo, porém, de um vigoroso e estranho ideal subconsciente que enxergaria sempre na continuidade territorial, na vizinhança, uma exigência quase compulsória de homogeneidade comunitária, donde as grandezas e as misérias de uma fecunda, mas não menos perigosa, mística nacionalista; impulsionado pela crença fundamental num universo sempre sujeito ao império das leis — a Lei de Deus ou as Leis da Natureza — e, no fundo, impenetrável ao azar e ao caos; atraído, a cada instante, para a engenhosa construção de mecanismos de toda espécie, físicos e sociais, como apóstolo entusiasta e reverente de uma tecnologia tão prodigiosa quanto ôca; mas um Ocidente, não obstante, todo repassado de um difuso sentimento de pecado e de culpa, mesmo ainda em meio às suas mais desalentadoras crises de um materialismo, niilista e estéril, bem capaz de fazer da máquina um Deus, e do próprio homem, um autômato sem coração e sem alma.

Como explicarem-se, porém, visões tão distintas assim, de dois expoentes contemporâneos dessa mesma cultura do Ocidente em que ambos nasceram, se formaram e produziram suas amplas e penetrantes filosofias da história?

Admita-se, com o sábio germânico, que cada cultura apresenta um estilo e um ritmo próprios que, nitidamente e em tudo, a singularizem das demais — emanações absolutamente específicas de um potente símbolo primacial em que se transubstanciem, fundidos, um grande mito original e a paisagem física de seu berço natal; ou prefira-se, com o historiador inglês e sua nova versão da Parábola do Semeador, reconhecer, entre todas as civilizações humanas, por mais díspares que se nos afigurem, uma indiscutível unidade subjacente, o destino variado de cada uma resultando de uma história diversa, vivida através da dinâmica incerta de desafios e de respostas, de rupturas e de reagrupamento, de concentração e de cismas — de qualquer forma, porém, a cultura ou civilização do Ocidente, tal como a conhecemos afinal, plenamente evoluída e consciente, não se poderia confundí-la nem com qualquer das civilizações anteriores que já desapareceram, nem com alguma outra das que lhe são contemporâneas. Toda cultura apresenta-se, sempre, como um conjunto bem travejado, uma integração bem definida e de todo singular, uma individualidade original em que se estruturam, profundamente solidarizados, características e traços, complexos, valores, ideais e princípios, numa cosmovisão unificadora.

No entanto, definir o núcleo diferencial e legítimo de uma cultura, como essa do Ocidente, é tarefa — acabamos de ver — que dificilmente se pode liberar de preferências opinativas.

Há várias razões para tanto.

Em primeiro lugar, importa distinguir, afinal, o Ocidente de hoje de todo um Ocidente histórico milenar. Considerado em cada uma de suas fases de evolução sucessivas, o Ocidente, na verdade, apresenta analogias, talvez muito mais flagrantes e sugestivas, com as idades "contemporâneas" de outras civilizações ou culturas — e sobre tais analogias e

fascinantes paralelos é que esses dois portentos de erudição e saber — Spengler e Toynbee — haveriam de soerguer, brilhantemente, o arcabouço monumental de suas impressionantes teorias de interpretação dinâmica da história, tal como, tempos atrás, já o esboçara Vico e, mais recentemente, Danilevsky, Sorokin e tantos outros. Dentro da mesma civilização ocidental — como ao longo do evoluir histórico de qualquer uma das outras, em menor amplitude talvez — o que mais ressalta, ao contrário, é a variedade, a diferença marcante de formas, de estrutura, de valores, de ideais e princípios, entre uma dada fase e outro período qualquer, do gótico, por exemplo, para o barroco e o rococó ou a arte colossal das megalópolis exaustas, da Era de Confusão para o domínio do Estado Universal e o reino da Paz Ecumênica, do atomismo feudal para o liberalismo cidadão ou a férrea centralização cesarista, da primeira mítica e sonhadora ao outono racionalizador e frio, da idade ideológica para a idealista ou a normal, da era da crença para a das ideologias, da Ilustração ou da análise.

Mas não é só. Sem falar, sequer, da incorporação, sempre mais ou menos superficial, de traços culturais exóticos e que tanto vem sendo propiciada por esta época em que vivemos, de dinâmicos e agressivos encontros entre civilizações tão diferentes — impressiona, sobretudo, nesta civilização atlântica do Ocidente atual, a multiplicidade de estilos de vida, de formas de pensamento, de valores e crenças, criando esse colorido aspecto de “multanimidade” em que Crane Brinton, cunhando antônimo bem significativo, julgou ver a característica, talvez principal, de toda a cultura do Ocidente.

Não de admirar, pois, é a perplexidade que assalta a quem quer se proponha salientar os traços fisionômicos mais específicos desta Civilização Ocidental.

Bertrand Russel, após definir a civilização, à sua maneira sempre original, como o estilo de vida que resulta da combinação do conhecimento e da previsão, aponta, com pessimismo indisfarçável, a Ciência — indiferente, no fundo, a qualquer sentimento de respeito pelo indivíduo — e o espírito industrial — favorável, por outro lado, à arregimentação mutiladora do Homem — como os dois grandes sinais distintivos do Ocidente atual. É verdade que, remontando às origens, ao extraordinário legado das civilizações dos judeus, dos gregos e dos romanos — o fervor moral dos primeiros, o amor dos segundos ao raciocínio dedutivo e a tradição imperialista e jurídica dos últimos —, legado que a Igreja conservaria, integrando-o em uma síntese inigualável, não deixaria de ressaltar seja o papel do cristianismo e de seus ensinamentos salutares de respeito à dignidade do homem, seja o influxo decisivo dessa outra religião dos tempos novos — o nacionalismo — derivado embora do particularismo israelita e da devoção romana pelo Estado, mas fenômeno essencialmente moderno, ao qual se deve, afinal, muito da coesão política que viria também a ser, pelo menos até bem pouco, uma das características distintivas da Civilização do Ocidente.

Mas, resumindo, concluiria depois: “Energia, intolerância e pensamento abstrato distinguiam sempre as melhores épocas da Europa das épocas melhores do Oriente”.

Precisaria, por acaso, justificar essa inclusão do espírito de intolerância entre os traços mais característicos da Civilização Ocidental, rememorando as caçadas medievais às bruxas, os desmandos cruéis de Pizarro, a escravização dos africanos ou a dizimação dos indígenas na América do Norte, quando Hitler dominava a Alemanha com sua tétrica estratégia do terror, as hordas de seus novos bárbaros das SS e os “pogromes” requintados pela técnica racionalizada dos campos de concentração e das câmaras de gases?

Entretanto, convenhamos, poucas, muito poucas, bastantes difusas, pouco definidas — menos diferenças qualitativas marcadas do que simples variações indeterminadas de certos fatores sempre presentes talvez — são as conclusões a que chega Russell, como a justificar plenamente a asserção com que se inicia o seu provocativo ensaio: “Não é nada fácil ver a própria civilização numa perspectiva verdadeira”.

Herbert Müller não iria, aliás, muito além. Aventura de idéias sem fim, nível sem par de atividade criadora mantida por um período de duração inigualada, uma vida carregada de alta tensão, uma sociedade irreverente sempre pronta a investir contra as tradições mais sagradas e os tabus mais venerandos, que reconhece na variedade e na mudança o clima mais favorável e benéfico à plena realização da personalidade do Homem, e que aborrece a uniformidade e o conformismo estioladores de toda criação. Prêsa embora a preconceitos nacionalistas bem vivos e a certos exclusivismos de fundo religioso — uma “sociedade aberta” — no dizer de Karl Popper, e que conservaria da Grécia uma herança fundamental — a do descobrimento do Homem.

Alto grau de tensão entre o real e o ideal, entre a experiência e a lógica, entre o mundo concreto e o mundo do mais-além, que, apoiado na tradição racionalista dos gregos e dos próprios escolásticos, justificaria uma busca incansável e apaixonada do conhecimento científico e tenderia a resolver-se, através da crença firme em uma orgânica ou sistemática universal regida por leis naturais, no estabelecimento sempre de uma relação funcional, mais ou menos misteriosa, enigmática e esotérica, entre o universo da realidade sensível e o universo eterno da Razão; consciência da dignidade do homem como substrato de uma cosmologia nitidamente humanista e de uma ética igualitária; aspiração por uma vida melhor na terra, julgada afinal possível; e, sobretudo, um sentimento inalienável da liberdade individual que asseguraria uma variedade fecunda, uma indisciplina criadora, uma heterogeneidade excitante, alicerçadas num clima, sempre em expansão, de tolerância compreensiva e fraterna. Liberdade, Igualdade e Fraternidade — Cristianismo, Humanismo, Protestantismo, Racionalismo e Ciência — tais as fórmulas em que, essencialmente, se resume a análise percuciente de Crane Brinton.

Mas, um conceito muito mais denso e preciso encontraria sua justa expressão nas palavras tão conhecidas de Thomas Sterne Eliot; bem vale a pena recordá-las:

“A fôrça dominante na criação de uma cultura comum, entre povos que possuam cultura individual distinta, é a religião... falo da tradição comum do Cristianismo que fez da Europa aquilo que ela é de fato e dos elementos culturais comuns que esse Cristianismo comum trouxe consigo mesmo. Se, amanhã, a Ásia se convertesse ao Cristianismo, nem por isso se teria convertido em uma parte da Europa. No Cristianismo, desenvolveram-se nossas artes; no Cristianismo, as leis da Europa, até há pouco tempo, permaneceram arraigadas. Todo nosso pensamento adquire significação contra um fundo cristão. Um europeu pode duvidar da verdade da fé cristã e, no entanto, o que diz, o que produz, o que faz, será tudo proveniente dessa sua herança de cultura cristã e dependerá da própria cultura para que tenha sentido. Somente uma cultura cristã poderia ter produzido um Voltaire ou um Nietzsche. Não creio que a cultura da Europa pudesse sobreviver ao completo desaparecimento da fé cristã... Se desaparecer o Cristianismo, toda a nossa cultura desaparecerá também”.

Ora, em face de tantas opiniões divergentes, sob certos aspectos até contraditórias, subsiste de fato a pergunta:

O que é, afinal, esse Ocidente que todos reconhecemos singular, mas cujos traços característicos escapam aos espíritos mais penetrantes?

Quanto a nós, temos sinceramente — haja algo em verdade a concluir de seguro — que não será acêrca desse Ocidente histórico milenar, prenhe de tantas antigas tradições mais ou menos abandonadas, ora subjacentes, ora, em certos momentos, redivivas, sobrecarregado de um passado nunca morto de inúmeras aventuras abortadas e de sonhos e ideais fenecidos, onde se defrontam e por vêzes guerreiam-se, nas artes, na religião, na filosofia e na ciência, tantos pontos de vista diversos, tantas crenças antagonônicas, tantos sistemas opostos, onde Dante e S. Francisco e Péguy convizinham com Nietzsche e com Baudelaire, Fra Angélico e El Grego corporificam suas místicas visões seráficas ou torturadas, ao lado dos painéis sinfônicos de Rubens ou das hieráticas naturezas-mortas de Cézanne, e S. Tomas de Aquino dialoga, através dos tempos, com Schopenhauer e Marx. Não haverá de sê-lo também sobre este Ocidente, tal como o vemos hoje em tôrno de nós, dilacerado por dissensões tão profundas, agitado por correntes e contracorrentes de idéias, de intencões, de crenças, de impulsos até irracionais que se digladiam tenazmente em todos os setores da vida social, no político, no econômico, no científico, no religioso, nos quartéis, nas fábricas, nas academias, nos campos de esporte, perplexo ante as alternativas chocantes que lhe trombeteiam os “ismos” mais contraditórios e as ideologias mais secárias e frenéticas.

Pois o único Ocidente que vale como um todo duradouro e coeso, o Ocidente que se pode de fato distinguir, nitidamente, de tantas outras civilizações e culturas, dotado de uma individualidade própria, original e marcantemente característica, é, para nós, o Ocidente como ideal, o Ocidente como propósito, o Ocidente como programa. Sua atualização perfeita na terra talvez nunca seja mesmo possível, mas, nem por isso, deixou êle em tempo algum ou deixa realmente, ainda hoje, de estimular tôda essa aventura extraordinária, cheia de êxitos surpreendentes, de falhas irremediáveis, de fracassos tremendos, de deserções e arrependimentos, de dedicações e renúncias que é a longa história em verdade vivida pela sociedade ocidental.

A essa corrente de ideal que lhe impulsiona a história, fonte de tôdas as suas energias criadoras, filiam-se até mesmo, a contragosto embora, todos os que a combatem de frente ou os negativistas impedernidos ou os apáticos displicentes; e a ela se dobram, submissos ou céticos, os interesses particularistas de tôda ordem, incapazes de vencê-la, a não ser na transitoriedade sempre fugaz de certos períodos retrógrados ou na circunscrita delimitação de alguns núcleos reacionários. É certo que, em nome daquele ideal, se têm perpetrado crimes e realizado espoliações e fundado até mesmo tiranias. Mas êsses crimes, essas espoliações, essas tiranias, se como tal são reconhecidas e como tal estigmatizadas, afinal, é à luz daquele próprio ideal que conspurcam e, ao renegar, reafirmam.

Qual êsse ideal, êsse propósito, êsse programa que impulsiona e galvaniza e sustenta a Civilização do Ocidente? Resumi-lo-emos em seus têrmos essenciais:

- a Ciência — como instrumento de ação;
- a Democracia — como fórmula de organização política;
- o Cristianismo — como supremo padrão ético de convivência social.

E aí se contêm, em seus justos limites: liberdade, igualdade e fraternidade; o amplo reconhecimento da dignidade do Homem; a plena expansão da personalidade individual; o máximo de bem-estar, físico e espiritual, para todos; a justiça social e a paz.

Em vão se têm levantado, através dos tempos, rebeldias ou surgido heresias, desde o anarquismo demolidor e ególatra até o comunismo materialista e totalitário, desde o frio racionalismo inumano até o panteísmo

dissolvente e exótico, o cepticismo que tudo nega e o logicismo que tudo esteriliza, o irracionalismo histórico e apaixonado que rebaixa o homem ao nível próprio dos brutos e o misticismo delirante e fanático que destrói a humanidade na exaltação febril do divino. O colonialismo impiedoso pode haver registrado as mais negras páginas da história do mundo; pode o imperialismo arrogante ou maquiavélico ter calcado aos pés todos os princípios cristãos, fomentando guerras e espalhando a miséria e a dor; fanatismos terão obstaculizado a marcha ascensional da ciência e implantado tiranias cruéis: um cientificismo estreito terá estancado e ridicularizado os mais nobres anseios de fé... Ou são inconformismos, ou são retrocessos, ou são perversões. Nada mais. Pois se, algum dia, o Ocidente perder de todo aquêl ideal, aquela fé que o ampara, aquêl propósito superior que o guia, terá, então, soçobrado de fato num caso derradeiro e fatal.

Ora, o Brasil, surgido para o mundo e a civilização sob o signo da própria Cristandade, produto de uma transplantação feliz dessa cultura do Ocidente europeu para terras quase desertas e virgens onde não havia cultura autóctone que lhe resistisse ou pudesse deturpar-lhe a essência, tradicionalmente alimentado, durante tôda a sua jornada histórica já longa de quase cinco centenários, nas fontes mais límpidas do pensamento e da fé ocidentais, não poderia renegar jamais êsse Ocidente em que se criou desde o berço e cujos ideais democráticos e cristãos profundamente incorporou à sua própria cultura.

E, pois, pertencemos ao Ocidente; nêle estamos e vivemos; o Ocidente vive e persiste, realmente em nós, em nosso passado e em nosso presente, em nosso sangue e em nossos músculos, em nossos corações e em nossos nervos, nos ideais pelo quais lutamos e nos interesses que defendemos, na técnica que nos arma o braço, na ciência que nos alimenta o espírito, na fé que nos fortalece a alma, nos livros que lemos, nas palavras que proferimos, nos cânticos que entoamos, nas preces que balbuciamos, até nesta maravilhosa paisagem plástica que nos rodeia, praias, montanhas, selvas, campos, planaltos e rios, ocidentalizados mais e mais pelo esforço perseverante e incansável de incontáveis gerações.

Nós somos, também, o Ocidente.

(Continua)



"Se ocorrer outro conflito mundial, os Estados Unidos dependerão dos abastecimentos, das matérias-primas, da geografia do resto do hemisfério e de tudo o que é essencial a um esforço comum. E sem a organização econômica e militar dos Estados Unidos o resto do hemisfério estará à mercê de qualquer potência que conseguir dominar o mar e o ar. Por-isso, a tentativa de formação de um liame comum deve continuar, e ninguém exige isso dos Estados Unidos com mais insistência do que os próprios políticos latino americanos".

Adolf A. Berle, Jr. ("O Mundo entre Ocidente e Oriente")